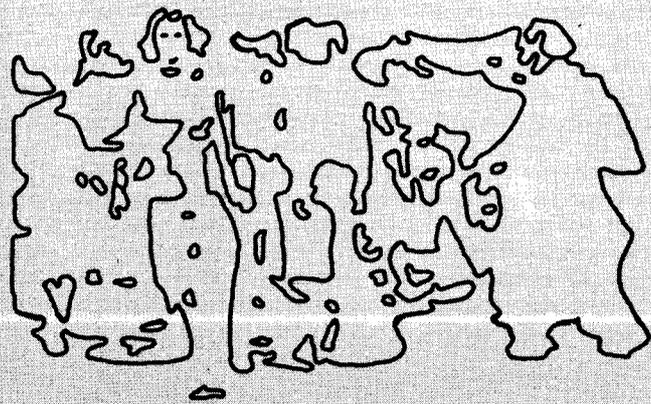


**resumos de
pesquisas
concluídas**





o outro lado da colônia: contradições e formas de resistência popular na colônia agrícola nacional de goiás*

Ivany Câmara Neiva**

Para quem percorre hoje a Belém-Brasília, na altura dos quilômetros 140 a 190, talvez passe despercebido que algo diferente ocorreu nessa região. Mas aqui e ali, na paisagem ondulada de Ceres e Nova Glória, ainda há vestígios do processo de colonização que contrastou, à sua época, com a ocupação que ia acontecendo em Goiás.

Logo à entrada de Ceres, talvez a única referência à origem peculiar da cidade: no obelisco, uma placa anuncia 1941/1955 - CANG. E um mapa da antiga Colônia Agrícola Nacional de

* Resumo da Dissertação de Mestrado apresentada em janeiro/85 junto ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, produto do trabalho realizado entre 1981 e 1984, tratando do processo de ocupação e dos movimentos sociais no campo, em Goiás, nos anos 40 e 50, feito com o apoio da ABEP, através de Bolsa de Pesquisa concedida no III Concurso para Bolsas de Pesquisa sobre Assuntos Populacionais. A fonte principal sobre a CANG foi cerca de 100 entrevistas com antigos colonos e moradores da região, funcionários da CANG e das instâncias governamentais ligadas à colonização, proprietários de terra, trabalhadores, comerciantes, políticos, militantes do PC, etc., encontrados em Ceres e mais dez municípios goianos, bem como em Brasília, Rio de Janeiro e Recife. Foram fontes, também, os poucos documentos contemporâneos à colônia (da Administração, Governo Federal ou comentários sobre a experiência), arquivos públicos e particulares, notícias de imprensa (nacional, regional, partidária, religiosa, etc.), dados estatísticos (IBGE, INCRA, etc.) e as análises de ESTERCI, Neide - "O mito da democracia no país das bandeiras: análise simbólica dos discursos sobre imigração e colonização", Dissertação de Mestrado, Museu Nacional, UFRJ, 1972 e de DAYRELL, Eliane Garcindo - "Colônia Agrícola Nacional de Goiás: análise de uma política de colonização na expansão para o oeste", Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, 1974. O caso da CANG foi considerado no contexto nacional da política de colonização e migrações, e da mobilização camponesa em Goiás e no país.

** A autora é socióloga e repórter fotográfica.

Goiás mostra a área em que quase quatro mil lotes foram distribuídos gratuitamente a "trabalhadores rurais brasileiros reconhecidamente pobres".

Se são poucas as marcas atuais da Colônia, a memória nacional quase só guardou o nome de Bernardo Sayão, seu primeiro administrador, e talvez a lembrança de que foi criada no tempo de Getúlio.

Em pleno Estado Novo, a CANG foi a primeira de oito colônias agrícolas fundadas e geridas pelo Governo Federal, na esteira da Marcha para o Oeste.

Sem dúvida desempenhou um papel expressivo, impulsionando a ocupação e expansão de fronteiras econômicas a partir do centro-sul de Goiás.

Mas há um "outro lado", antagônico e complementar a essa expansão: são as contradições do processo de colonização, as dificuldades com que os colonos e antigos moradores da região se defrontaram, os conflitos surgidos entre as diversas categorias sociais e grupos de interesse, as reivindicações, as expressões de mobilização popular.

Os mineiros, baianos, goianos sem terra que migraram rumo àquela terra dada realmente encontraram a terra, mas também uma série de dificuldades que iam desde a insuficiência de bens, serviços e assistência que legalmente cabia à Administração fornecer-lhes gratuitamente, até os mecanismos clássicos de subordinação do campesinato, dos quais a tutela governamental não os livrava.

Se a gratuidade da terra foi um estímulo à migração, por outro lado foi um fator de desmobilização para a luta pelas demais condições de vida e de trabalho dos colonos. Somava-se a isso a peculiaridade do exercício de poder nas Colônias. Verdadeiro território federal encravado em Goiás, não se contava na CANG com canais de acesso do colono ao "governo", que era uma extensão da burocracia federal sem mediação de uma instância que representasse os interesses locais.

Mas a defesa dos interesses locais se organiza, ao longo do tempo. Inicialmente é a cooperação nos mutirões para desbravamento, preparo da terra de trabalho, abertura de picadas, destocamento, piqueteamento, plantio, colheita.

Com a ocupação progressiva da Colônia, os mutirões e trocas de dias de trabalho ganham também o caráter de resistên-



cia frente ao processo de diferenciação interna que já ocorria: colonos que haviam conseguido alguma acumulação passavam a ampliá-la mediante a apropriação de mais-valia de outros colonos, proprietários como ele, mas descapitalizados, que vendiam (não mais trocavam) dias de trabalho, ou aceitavam tarefas e empreitas.

Paralelamente ocorriam iniciativas esparsas de reivindicação quanto a medidas de competência da Administração, especialmente atendimento médico e escolar.

As manifestações mais estruturadas partem de colonos ligados ao Partido Comunista de Goiás que, ainda não como tarefa partidária, mas na qualidade de camponeses mais politizados, levam à frente as reivindicações e iniciativas.

Os movimentos tiveram caráter essencialmente reivindicativo, local, pretendendo providências restritas ao que legalmente era de responsabilidade da Administração. Por envolverem questões de terra, alguns tomaram vulto e tiveram maior continuidade no tempo. Foi o caso da defesa de direitos de ocupantes anteriores à implantação da Colônia e de litígios quanto à demarcação de lotes.

As dificuldades se manifestavam em todas as áreas, mas não era na esfera das relações de trabalho e produção que se revelavam os mecanismos de subordinação do camponês - colono. A esse nível, excetuando-se aqueles casos de apropriação de mais-valia entre colonos, não estavam presentes traços de exploração. Isso ocorria, sim, na fase de comercialização da produção, quando então se reproduziam situações clássicas envolvendo colonos frente aos intermediários e comerciantes.

A comercialização era na verdade tão essencial para o colono quanto a propriedade da terra, e era reconhecida como uma grave questão a enfrentar.

O enfrentamento se deu de várias formas, sendo que foi também sob o comando dos colonos-militantes do PC que houve organização e mobilização mais estruturadas. As providências iam desde a abertura e conservação de caminhos que facilitassem o escoamento da produção, até as tentativas coletivas de estocar a produção por algum tempo, aguardando melhores preços, a fiscalização da pesagem do produto e do pagamento, a busca de comercialização sem intermediários.

A partir de 1950, quando o segundo administrador da CANG inicia medidas de organização legal e territorial da Colônia,

afloram litígios que desencadeiam movimentos relativos à demarcação e titulação dos lotes.

Nessa época o PC de Goiás, mais voltado para o trabalho no campo após o Manifesto de Agosto, estrutura suas bases na Colônia. Além da defesa de interesses locais, são desenvolvidas, ao longo dos córregos e picadas, campanhas de abrangência mais ampla como pela reforma agrária e baixa do arrendo, bem como algumas que o Comitê Central vinha organizando a nível nacional, como a favor da libertação de militantes presos, pela paz mundial, contra a bomba atômica.

As formas de resistência na Colônia se organizavam, mas a migração em busca da terra prosseguia: foram muitos os colonos que viram inviabilizada sua reprodução como pequenos produtores e venderam seus direitos de posse (apesar da proibição legal de transferir os lotes antes da titulação) e seguiram caminho, alguns se assalariando, outros voltando a ser posseiros ou arrendatários.

São "outros lados" da colonização, presentes na CANG e em outras experiências semelhantes, contemporâneas a ela ou na atualidade.

No caso da CANG, criada há mais de quarenta anos, a recuperação dessa história foi possível pela voz do passado, voz de antigos moradores e de quem mais participou do processo, por algum dos "lados". Essa voz foi confrontada com outras fontes e com o quadro político de Goiás e do país e, como dizia João, antigo colono do Córrego Água Limpa, "juntando tudo é a vida da gente e daquele tempo".